

Itamar Vieira Junior. *A oração do carrasco*. Salvador: Mondrongo, 2017. 166 p.

Nascido em Salvador, Bahia, em 1979, Itamar Vieira Junior não deixa dúvidas, nem mesmo ao leitor mais desavisado, acerca da qualidade da produção literária nacional contemporânea. Doutor em Estudos Étnicos e Africanos (UFBA), a negritude e a ênfase em personagens femininas são marcas trabalhadas com maestria em suas obras, indicando claramente os papéis de leitura e síntese social desempenhados pela arte em seu viés crítico e analítico. Itamar foi contemplado com o prêmio português de literatura lusófona LeYa (2018), com o romance *Torto Arado*, e viu *A Oração do Carrasco* ser finalista do 60º Prêmio Jabuti (2018).

Com lirismo e extrema fluidez, sete contos compõem *A Oração do Carrasco*. Em harmonia e coesão, os sete, número cabalístico da perfeição, assentam-se em equilíbrio, balanceados pela unidade temática, quase passíveis de uma leitura integral, unitária, de um só fôlego – se o houvesse –, não fossem os saltos de tempo e espaço em suas particularidades e a asfixia causada pelas trajetórias de cada personagem. O recado, contudo, agrupa as narrativas, enriquecendo as críticas, aprofundando os cortes e expondo feridas ainda mais abertas.

As narrativas não lineares dominam a obra, revelando caminhos penosos a cada página, com construções que, ainda que embaçadas à primeira vista, até a ambientação do leitor, não engasgam ou deixam cair adereços inoportunos pelo caminho. Aprecia-se a fluidez em grande densidade – uma tortura não abreviada que finda em redenção, não em termos românticos, mas no que se refere ao ato de conclusão e elucidação, ainda que permeada de inquietude.

“Alma” e “Manto da Apresentação” sutilmente apresentam o equilíbrio que sustenta a coesa obra de Itamar. Abrindo e encerrando, respectivamente, o livro, os contos apresentam estruturas semelhantes, valorizando a escolha pelo livre fluxo de consciência, interferindo diretamente na percepção das estruturas psicológicas construídas ao longo das narrativas. Ainda que não inédita, a composição da narrativa em fluxo, a experimentação, são marcantes e compõem a leitura, que se deixa levar pela abundância descritiva, riqueza de detalhes úteis ao todo e adjetivação rica.

“Alma” trata da vida de uma escrava que consegue fugir de seus patrões, vagando dias, meses, anos – quem sabe –, por paisagens desérticas até encontrar alento em um oásis onde constitui nova família e uma comunidade completa. Negra, destituída de humanidade pela estrutura social, Alma carrega tantas dores consigo que sequer as pode contar. Desde a violenta separação de seu filho ou dos amores e posses que a vida de servidão lhe furtou, a protagonista carrega o sangue de seus patrões em suas mãos, preço pago pela dura liberdade.

A tradição cristã católica exime os animais de alma ou, ainda que a tenham, postula que não corresponde a de humanos, que gozam de suas faculdades mentais no exercício pleno do livre arbítrio. Um corpo oco, vazio de ambições, angústias e amores não cabia à negra Alma, tratada como bicho, que para se libertar mutilou tudo o que havia em si. O passado que a moldara a partir da dor, da humilhação, do preconceito, do abuso, do estupro, da fome e da sede gerou revolta, fuga e o novo. Mas não cabe uma romantização interpretativa. As chagas do preconceito seguem, e o novo de Alma dói; dói a lembrança do companheiro morto injustamente, machucado e afogado na fenda de uma embarcação, a fim de evitar o naufrágio durante a travessia da família decadente dos seus senhores.

Alma envenena seus patrões e foge vestida com as mais belas roupas da senhora. Perfumada, penteada, calçando sapatos nobres em pés que tanto sofreram e ainda haveriam de sofrer, Alma inicia sua jornada, rumando para o mais longe possível. Inicialmente, passeando pelos caminhos ladrilhados, sendo cortejada como respeitável moça, até desfazer-se o traje pelo tempo, o cabelo engomar e o mau cheiro tomar conta de seu corpo magro e cansado. Dali em diante, às escondidas vaga, até

encontrar onde se sente livre para batalhar por sua sobrevivência e reaver sua humanidade negada.

No outro extremo da obra, encerrando o livro de Itamar, “Manto da Apresentação” também está submerso em história, num contexto que segue indicando as feridas do racismo. Assim como em “Alma”, o fluxo de consciência e a densidade temática, neste caso da clausura, trazem a angústia e o descontrole. O leitor é apresentado à enigmática figura de Arthur Bispo do Rosário, artista plástico, detido por motivos adversos, em 1938, como negro indigente, sem registros, posteriormente diagnosticado como esquizofrênico-paranoico. Bispo permaneceu preso por mais de 50 anos, período durante o qual compôs suas obras, dentre as quais o chamado *Manto da Apresentação*, peça que seu autor pretendia usar no dia do juízo final como anunciação do fim dos tempos.

A narrativa se dá por meio de uma voz onisciente, que proclama o reinado vindouro de Jesus Filho. Sintoma comum entre esquizofrênicos, a voz indica cada passo a ser dado pelo novo Messias, que haveria de consertar as fendas deixadas por Deus em sua primeira passagem, a começar pela não distinção entre o dia e a noite, mas sim a homogeneidade da percepção de tudo por um tempo fluido e constante – alusão ao destrutivo conceito de supremacia racial, visando, em detrimento do preconceito, a um conceito voltado à humanidade em harmonia.

Assim como as belas vestes de Alma que se desfizeram em sua jornada de dor e sacrifício para gerar redenção, o Manto da Apresentação que há de vestir Bispo do Rosário segue pronto para o dia em que a paz reinará absoluta sobre cor e credo, bem e mal.

A Oração do Carrasco, conto que dá nome ao livro, lança-nos à tortura do juízo daquilo que é certo à luz da lei e da verdade. Tarefa fácil seria o sentenciamento, não fosse a complexidade dos seus conceitos basilares. Seja no universo criado por Itamar ou no mundo real, a lei é escudo que defende – ou esconde covardemente – seus executores. Se há uma falha, defende-se que falhou a lei, jamais quem puxou o gatilho em cumprimento à sentença ou o fidalgo que chicoteou o negro até a morte por ser sua propriedade. E quando pensa passar ileso o “cidadão de bem”, traz-se à

tona os invisíveis da sociedade – miseráveis, imigrantes rejeitados, criminosos e sofrendores de todos os males possíveis ao ser –, e o carrasco? Eu. Você. Ocupados no exercício de nossos papéis sociais, contribuímos para a manutenção do *status quo*, forçado esses cadáveres mal executados a perambularem como assombrações invisíveis pelo mundo – seres a quem até mesmo o direito da morte foi furtado.

Urge a ação racional disruptiva, como as intervenções artísticas mundo afora fazem há séculos, para que deixemos de formar carrascos sociais, baseados em classes, castas, postos, posses. Itamar chama a atenção para o fato de que o prazer tétrico nas execuções não difere ou enobrece a execução mecânica, diária.

Em “Doramar”, revisitamos a história de Alma, agora ambientada na contemporaneidade. A rotina exaustiva e carregada de privações da vida de empregada doméstica ilustra a escravidão perpetuada, mal maquiada pela sociedade que declara aos sorrisos que Doramar é “*como se fosse da família*”. A libertação aqui também vem carregada de dor, conquistas e amores furtados pelos caminhos impostos, e o trajeto da redenção reserva a incerteza gerada pelo rompimento da normalidade de uma serva negra, analfabeta, pobre, sem perspectivas. A morte dos senhores em “Doramar” é figurada, apontando para a dependência do desenvolvimento social com base na subordinação do negro. A mão que planta, colhe, serve, limpa e constrói é negra, para que haja uma posição social superior sobre a qual se assenta um universo de privilégios e vantagens sem fim.

O protagonismo de personagens negras femininas segue em “Meu Mar (Fé)” acompanhado do torturante narrar do autor. A brutalidade da imigração ilegal de homens e mulheres de diferentes partes da África é o foco do conto, que apresenta uma jovem negra, de Dakar, Senegal, que parte com seu companheiro e um grupo de imigrantes dentro de um *container* em uma embarcação com destino à costa da Bahia. Presos em um espaço apertado, úmido, com comida escassa, urinando, defecando e vomitando no mesmo espaço em que dormem, acordam, sobrevivem, quase sem oxigênio, são descobertos em meio à viagem. Os homens são logo surrados e lançados ao mar, destino certo da protagonista, que antes é estuprada pelos tripulantes com violência e crueldade. No mar, boiam até serem resgatados por navegantes. Seu

companheiro, contudo, submerge com a chegada do socorro, que se afasta enquanto acompanha o afundar do amado. Tempos depois, já no Brasil, batalhando contra o preconceito e em busca de dignidade, nunca deixa de visitar o mar, à espera do desembarque de seu amor.

A narrativa dói em sua verossimilhança e conexão com a realidade, resgatando o conceito dos indivíduos invisíveis da sociedade, que, como superpoderosos, transitam sem que ninguém os note pelas ruas das cidades, abandonados em seus sonhos de conquistar o mínimo. Sua invisibilidade apenas falha quando se julga necessária a higienização social feita de tempos em tempos, quando descarregam o ódio por vezes velado, por vezes confesso, amontoando corpos em presídios, valas, covas sem endereço, frutos de acidentes ou “erros humanos”.

“O Espírito Aboni das Coisas” segue revelando a experimentação técnica de Itamar com a inserção de palavras da língua jarawara junto à sua tradução em português. A narrativa acompanha a trajetória de Tokowisa para salvar sua esposa. Muito simbolismo e elementos da cultura nativa da Amazônia, entre os rios Juruá e Purus, compõem o conto, indicando uma cosmovisão absolutamente distinta da praticada nas metrópoles. A narrativa não deixa de lado a crítica social que permeia toda a obra, apontando para o constante genocídio de povos indígenas para a exploração da terra e o silenciamento dessas culturas até que sejam completamente apagadas. Períodos longos e complexos em seu ordenamento sintático dão lugar a frases mais curtas e diretas, destacando as palavras nativas e suas composições, que enriquecem a leitura e aguçam a curiosidade de que lê.

“A Floresta do Adeus” é o segundo conto do livro de Itamar. Entre “Alma” e “A Oração do Carrasco”, a narrativa parece se apagar, não por falta de qualidade construtiva, mas pelo contraste textos sufocantes que a cercam. A disposição dá-se a serviço do equilíbrio e da composição harmônica da obra, apresentando outras competências do autor. A narrativa do amor proibido entre primos transita entre diferentes narradores, com pontos de vista distintos. O mesmo episódio da visita à reclusão do jovem é narrado repetidas vezes, demonstrando a habilidade de Itamar em

movimentar de formas diferentes as mesmas peças do tabuleiro literário para compor algo novo e único.

Longe de romantizar a luta negra ou indígena, *A Oração do Carrasco* nos apresenta o perturbador Brasil que segue a mutilar os seus, recluso na hipocrisia de negar seus atos e na submissão ideológica a grandes potências mundiais, tampando os olhos e os ouvidos para tudo o que há aqui. Segue o apelo para que venhamos a colher bons frutos em breve: tratemos de mudar, pois o sangue derramado já excedeu há muito o limite da ignorância, da culpa sem dolo. Que seja a militância pela igualdade a oração do povo que espera o melhor para esta nação.

Filipi Correa

Mestrando em Letras da UFRGS